

Lição de Anatomia e Arte

Helio Begliomini

“A arte é a ideia da obra, a ideia que existe sem matéria.”
Aristóteles, filósofo grego (384-322 a.C.)

Difícilmente alguém que observa o clássico quadro intitulado “A Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulp”, pintado em 1632 por Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), não se deixa encantar. Particularmente aqueles que, dentre as ciências biológicas, se dedicam ao ser humano, quer desvendando, quer lidando com sua vida, seu comportamento, seus azares e seus mistérios.

Nele sobressai a figura de um mestre, dr. Nicolaes Tulp, passando conhecimentos auferidos de seus estudos anatómicos a discípulos ávidos pelo saber. Ao centro, como denominador comum, jaz impassível um corpo exaurido de seu princípio vital, outrora arcabouço de uma vida, que se empresta silenciosa e desinteressadamente ao avanço da ciência e à causa humana.

O mestre, o único de chapéu, é reverenciado atentamente pelos seus pupilos que esticam o pescoço, torcem a cabeça, franzem a testa e nem sequer piscam os olhos, expressões corporais de quem não quer perder nada da fala ou da demonstração a eles dedicada. Não aparentam ser muito mais jovens do que o mestre, mostrando que a idade não representa empecilhos ao aprendizado e ao amor para o ser humano.

Esse relacionamento respeitoso e venerável entre alunos e professor remonta aos tempos imemoriais de Hipócrates (460-377 a.C.), que mui sabiamente consignou em seu juramento: *“Juro (...) Estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito...”*.

Há cerca de sete lustros, eu ingressava na arte de Hipócrates, grande ideal em minha vida, e, durante um ano e meio, debrucei-me sequiosamente no aprendizado morfológico,

macroscópico e microscópico do ser humano. As aulas de anatomia eram conduzidas pelo renomado e inolvidável professor Olavo Marcondes Calazans, discípulo do famosíssimo anatomista italiano, Alphonso Bovero. À época, nós, alunos, jovens idealistas, seguíamos o mestre que nos orientava na dissecação dos cadáveres sem a proteção de luvas, a mostrar que aquele corpo enrijecido e escurecido pela ação do formol foi uma pessoa. Agora, esvaída de sua alma, continuava a merecer todo o respeito, pois nele albergou uma vida e ele serviu também como imagem e semelhança do Criador. O curso iniciava-se com uma missa em sufrágio das almas dos cadáveres desconhecidos, culto este que reforçava o respeito ao próximo.

Olavo Calazans, dentre tantos outros professores que tivemos a felicidade de ter, estimulou-nos a defender a vida, em toda a sua plenitude, o ser humano e o enfermo. Ele nos fazia ver através dos corpos como futuros médicos e nos dizia em tom quase poético: *“todo o curso médico valeria a pena se fosse para vocês fazerem um só diagnóstico!”*.

Essas lições de humanismo e de amor ao ser humano, indelévels em minha mente, vieram à tona de forma sensível ao ter o privilégio de visitar, em junho de 2007, a exposição “Corpo Humano — Real e Fascinante”, no centro de exposições Oca, do Parque do Ibirapuera.

Nela estavam expostos partes, sistemas, assim como corpos inteiros dissecados e preservados pela técnica da plastinação ou plastinização, criada pelo anatomista alemão Gunther von Hagens, em 1975, patenteada em 1977 e refinada até se encontrar em condições de utilização, em 1990. A técnica da plastinização consiste, de forma simples, em, logo após a morte, desidratar e desengordurar o corpo, respectivamente por meio de banhos de acetona e triclorometano. A seguir, os espaços vazios dados pela ausência de água e de gordura são preenchidos por resinas de silicone ou epóxi em forma de monômero.



Disponível em: <<http://medicinisart.blogspot.com>>.

A Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulp, Rembrandt van Rijn, 1632. Mauritshuis, Holanda.

O trabalho resulta na apresentação tridimensional do corpo humano dissecado e ricamente preservado sem o odor e a irritação visual da tradicional formalização. Hoje em dia, com as maravilhas da tecnologia, pode-se visualizar incruentamente o corpo humano de um ser vivo, seccionando-o em fatias coronais, transversais e longitudinais em dois ou três planos, através da tomografia computadorizada ou da ressonância nuclear magnética.

Ao contemplar aquelas belas imagens morfológicas obtidas pela técnica da plastinização, fiquei imaginando se um dia poder-se-ia descobrir um método que desvendasse quantitativamente e em cores o que se passa na mente de um artista no momento de inspiração, assim como na consecução de sua obra.

Em outras palavras, como mensurar e exhibir, por meio de exames, sentimentos de raiva, ódio, amor, amizade, alegria, depressão, euforia, angustia, paz, pânico?

Será que chegaremos um dia a traduzir em imagens e gráficos o bailar das moléculas, dos átomos, dos elétrons de artistas em atividade e, mediante esses, hierarquizar-las qualitativamente em excelentes, bons, regulares e sofríveis,

ou normais e patológicos, tais quais os detectores de mentira nas investigações policiais?

Nesse contexto, discordo humildemente de Aristóteles no seu aforismo em epígrafe, pois a arte consiste não somente na concepção de ideias geradoras mas também nos talentos *sui generis* em bem materializá-las, pois a arte se expressa e interage.

Para Gustave Flaubert (1821-1880), escritor francês, “*a moral da arte reside na sua própria beleza*”. Temo que, se um dia houver um dosímetro para avaliar a arte *lato sensu*, esta perderá sua essência, seu mistério, seu encantamento, sua sedução, e os artistas, sua razão de existir. E então, sem artistas, a vida tornar-se-á inodora, incolor e insípida.

Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Brasileira de Médicos Escritores, Academia Cristã de Letras e Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

Cartas do Vale do Ribeira

Arary da Cruz Tiriba

Troca de correspondências iniciada durante investigação epidemiológica, no Vale do Ribeira, após misteriosa epidemia familiar envolvendo jovens lavradores irmãos.

São Paulo, agosto de 1982.

Querida Meny Notta,

Fazes parte da família brasileira típica. Teus pais e irmãos vivem do trato da terra. Robustos, nutridos pelo arroz, feijão, mandioca, ovos de galinha, camarão do rio, banha e carne de porco, além da laranja, banana, abacate e demais frutas do teu sítio. A perfeita compleição física não impediu que teus três manos — valorosos moços do campo — adoessem simultaneamente; foste poupada, por graça divina. Eu e o Dr. Jolí assistimo-los no hospital da capital paulista durante essa estranha peste dos lavradores; felizmente, nenhum deles morreu, e aí estão devolvidos ao Vale.¹

Dáí a nossa visita aos teus pagos à beira-rio, ao *Catas Altas*² no Vale do Ribeira de Iguape, para tentar desvendar o misterioso flagelo familiar.

Foi assim que nos conhecemos, eu, mero caçador de epidemias, o jovem médico meu discípulo — Dr. Jolí —, e tu, aos 12 anos, toda meninice!

A fotografia que fiz de ti — e que ora te envio — à margem do *Catas Altas* é expressiva. Fizeste bem em vestir teu “longo” e pousar — vaidosa e feliz — no teu porto fluvial. Ficaste muito, muito bonitinha!

Pois, caçula Meny Notta do *Catas Altas*, tens importante tarefa por cumprir: manter unida a irmandade, para revigoração da energia pela força da união.

Descobre as histórias, as do Vale do Ribeira, as do *Catas Altas*... Conhece por inteiro o formoso Vale em que nasceste. Pesquisa as narrativas dos naturais da região, suas lendas.

¹ Os três irmãos, protegidos do temporal no rústico rancho povoado de roedores silvestres, adoeceram simultaneamente com pneumonia e edema pulmonar (infecção gravíssima derivada de inalação de poeiras contaminadas com fezes de ratos). Tudo indicou ter se tratado dos primeiros casos de hantavírose ocorridos no Brasil; entretanto, à época, não existiam recursos laboratoriais para confirmação. Meny Notta não adoeceu por ter sido preservada do trabalho rural.

Jornalista Mauro Carvalho da Silva, do Estadão, acompanhou a pesquisa de campo (03 ago. 1982, p. 12), composta por sanitários paulistas e paranaenses, para esclarecimento da epidemia.

² Denominação possivelmente relacionada à mineração.

Transcreve-as, divulga-as... Ainda que ninguém esteja interessado nas histórias do Ribeira, do *Catas Altas*, estarei desajoso de ouvi-las. Outros surgirão com o mesmo propósito. Torna-te a porta-voz, a defensora do Vale. Trata de evitar que ele se deforme. Preserva o ambiente natural, cuidando do seu progresso em composição com a natureza.

Torcerei para não ficar muito velho depressa demais, pois quero um dia voltar a vê-los com o sucesso premiando o esforço dos teus, os trabalhadores da terra! Orgulha-te, sempre, de teus bravos pais e irmãos.

Beijo do amigo, Dr. Perí.

... ..

Catas Altas, setembro de 1982.

Presado amigo Perí

Em primeiro lugar espero que esteja com muita saúde e felicidade

Olha doutor Perí pesso muitas desculpas por não ter dito ao Senhor nem muito obrigado de ter dado os livros e as outras coisas que o Senhor me deu. Olha nunca na minha vida tinha ganhado um presente desse que o Senhor me deu. Olha não sei como agradece-lo.

Olha doutor Perí eu gosto muito do Senhor e de todos aí. Olha doutor Perí eu nunca até agora não achei um moço bonito como o doutor Jolí. Olha não sei se ele é moço ou é casado mais acho que se ele é casado a mulher dele não vai achar ruim comigo porque sou apenas uma criança.

Doutor Perí quando nós estiver mais folgado de dinheiro eu vou passar aí em São Paulo pois tenho muita vontade de conhecer esta cidade.

Venba sempre pra cá traga também o doutor Jolí e os outros.

Desculpe a letra enfim tudo olha não sei escreve, olha meus irmãos caçoaram da minha carta, mais pelo menos eu escrevo pra quem eu gosto.

Tchau Tchau muitos abraços e beijos de toda família.

Mando também muitos abraços e beijos a todos principalmente ao Senhor e o doutor Jolí que eu gosto muito dele.

Muitas lembranças a todos

Aqui vai uma rosa

para o doutor Jolí

Desculpe de ser uma rosinha feia mais é com muito carinho

Doutor Perí dê o meu endereço ao doutor Jolí se ele quiser escrever pra mim

Tchau Tchau, de sua amiga Meny Notta

... ..



São Paulo, outubro de 1982.

Querida Meny Notta,

Quando subo o *Catas Altas*, o *Betari*, o *Iporanga*,³ o *Ribeira*, converso com pedras. Que têm vida, não duvides. Que são hábeis para comunicar, é também verdadeiro. Incorrígível mortal que se deixa atrair pela formosura, nas pausas de minhas pesquisas sobre doenças, ergo do leito do rio pedras que possuam fascínios: revestimento de mantos, composição de cores, cintilação de pontos, cuidados de polimento, capricho de formas, qualidades que só o toque das águas naturais consegue esculpir. Não as coleciono, devolvo-as à corrente — a que não submete —, aquela que pode levá-las um dia ao mar aberto.

Durante andanças pelo Vale do Ribeira, Meny Notta, tenho experimentado emoções. E evocações incomuns! Histórias que te contarei um dia... Narro-te o mais recente episódio que já faz parte do meu arquivo de memória. Ju-ro-te, aconteceu.

³ Rio bonito.

Sentado, recostava-me à árvore para traduzir o vozerio das trêfegas águas a saltar rochas. Enquanto relaxava o corpo cansado, espiei por um oco da folhagem. Sem ser descoberto, vi o quê?... A distância de metros, um velho Mago de barba e cabelos alvas. A meditação do ancião foi interrompida pela vestal, imagem de um anjo! Beijou com doçura a face do velho, confiou-lhe um segredo ao ouvido e depositou-lhe na mão enrugada uma *rosa feia*... Depois, desapareceu tão inesperadamente como surgira. Assisti e ouvi com espanto a conversa que se seguiu. Do velho com a rosa.

— Que sucede? — perguntou o ancião — se tuas pétalas, rubor instável a alternar com o pálido, refletem intranquilidade?

— Amigo — respondeu a rosa —, se assim me vê inquieta, é porque não consigo esquecer um sonho. Sonhei, eu, simples rosa, que me debruçava à fonte, ao lado de perfumoso vegetal como jamais vira neste Vale. Pétalas finas e brancas como o lírio. À sua cabeça, nobre coroa dourada. O encantamento pareceu-me a um príncipe ali postado. Perdoa-me, Mago, o sonho semelhou tanta realidade que me inebria e atormenta. Ah, como seria bom se você tornasse real o devaneio...

... ..



Disponível em: <<http://petareej.wordpress.com/category/vale-do-ribeira-riquezas-e-pobrezas/>>.



Não te dizia, Meny Notta, que pedras falam? Quanto mais rosas! Que perfumam, encantam e revelam os amores...

... ..

— Querida — continuou afetuosamente o velho — tua descrição corresponde à da flor que não pertence à nossa flora. Tem origem em apurada estirpe do centro do Velho Continente e da borda do Mediterrâneo. Formosas, somente formosas como tu, são atraídas pelo magnetismo dessa flor que tem Narciso por nome.

Por instante, a rosa enrubesceu. E emudeceu.

E prosseguiu o sábio.

— Teu sonho caracteriza teu ser sensível. Contempla ao teu redor... Por que brotam, despretensiosas, as flores que te cercam? Simplesmente porque o amor que ora se revela para ti é onipresente. Como o pólen derrama-se pela natureza...

E terminou, sentenciando.

— Recuperarás o róseo de tuas pétalas, o colorido, essencial, para representar o nascer do sol deste Vale do qual és parte.

... ..

Meny Notta, a esse ponto despertei com estremecimento. Caíra-me sobre o coração uma rosa-do-campo. Soprava forte brisa. Fora certamente o vento, o mensageiro da flor. Procurei pelo Velho, não mais o vi. Acolhi a rosa com cuidado para preservar, uma a uma, suas pétalas. Admirei-lhe a beleza e a simplicidade.

E, eu, que falo às pedras, porque não diria à rosa-do-campo.

— Minha querida, transmitirei tua mensagem. A aragem desse rio correntoso irá me transportar até o esbelto Narciso. Dir-lhe-ei, então, que a rosa-do-campo não é feia; ao contrário, como é graciosa! Além do colorido e da fragrância, é capaz de emitir vibrações de puro amor, desfazendo distâncias, unindo os rios do Vale aos lagos e mares do planeta Terra.

Meny Notta, recebi tua carta. Desejo muitas outras. Não te acanhes, um dia escreverás melhor que eu, que ponho ideia no papel, enquanto tu imprimes a alma, o que é espontâneo, sem distorção. Que permaneças eterna criança, alegre e pura, igual ao esquilo serelepe do teu sítio *Mangal*, irrequieta como as águas do *Betari*.

Teu amigo, Dr. Peri.

... ..

Sítio Mangal, 21 de maio de 1988.

Olá doutor Peri!

Eu acho que estou ficando louca, estou escrevendo porque preciso muito de uma palavra amiga, olha estou com 18 anos e já sou mãe,

sou solteira e o pai do nenê me isnobava muito, quando meu filho estava com 2 meses nasceu outro filho com uma moça daqui mesmo, essa moça no início de minha gravidez ela ia na escola pra me bate, sofri muito, e estou sofrendo, fiquei 2 vezes internada quase que perdi o bebê e quase que morri também. Sofro muito porque sou muito nervosa, agora o pai do nenê está morando em frente a casa de minha irmã e está morando com outra mulher, essa tristeza não é só porque ele está com outra, é porque tenho vontade de trabalhar pra compra o que eu quero quando quero alguma coisa tem que pedi pra meus pais, eles dão, mas não é como a gente ter dinheiro da gente mesmo sabe as vezes penso que se eu não for embora daqui não vou ter sossego, só estou esperando uma oportunidade, se fosse fácil a vida já teria ido embora, para mim está sendo difícil não conheço nenhuma cidade.

As vezes penso até em morrer, mas na mesma hora eu penso que tenho um filho que eu adoro, e por ele que eu vivo, ele já está com 5 meses está sapeca e eu sinto que ele me adora.

Fale pro doutor Joli que mandei um abraço e um beijo e que eu não esqueci

Se um dia pensa que te esqueci

Reze por mim

Porque nesse dia com certeza eu morri

Meny

... ..

São Paulo, 1995.

A ESTRANHA

Meados dos anos 1990, certa tarde Dr. Peri atende à porta uma senhora jovem de aspecto simples, tez amorenada de sol, trajes modestos, fisionomia afetuosos, aparência de seus 25 ou pouco mais.

— O senhor se lembra de mim?

Aquele ar de amizade... há muito interrompida... dizia-lhe que já a vira. Mas seria grosseiro e a desapontaria se lhe dissesse que não a identificava de pronto. Deveria ser uma das primas caíças do litoral norte paulista, imaginou.

— Sim, você é filha de Nair. Da praia da Enseada.

Nem confirma, nem nega. Mas não desfaz o sorriso afetivo, como se estivesse assentindo. Ele não hesita em recebê-la.

— Entre, entre.

Apresenta-a a Diná, sua mulher. Diná, essencialmente paulistana, pouco conhecera do litoral norte e, muito menos, Nair. Cumprimenta secamente a desconhecida, observando-a sem participar do diálogo.

Perguntas sobre o trabalho da parentela de hábitos rurais e litorâneos. [Seu irmão ainda arma mundéu pra caçar gambá pro tira-gosto? O outro mano ainda faz canoas?] Respostas monossilábicas ou vagas criaram atmosfera embaraçosa...

Dr. Perí teria cometido identificação errônea... Mas a estranha não esclarecia quem de fato era! Para quê a sacola grande e pesada? [Uma metralhadora? — tenta sussurrar sua mulher] O sobressalto sobreveio. [Sobressalto? Assalto?!]

Dr. Perí trata de abreviar o encontro. Compromissos em cima da hora, a alegação... Indaga se poderia ser útil à visitante. Ela confirma que necessita, sim, de passagem de ônibus para a Bahia, a fim de rever seu filho, deficiente físico, internado em uma instituição pública daquele Estado. O doutor prontamente esvazia o porta-nota. Para passagens. Ida e volta. Até de sobra!

Respira aliviado quando a visitante se vai, semblante triste... O doutor inspeciona as cercanias. Algum comparsa na espera?!...

... ..

Interurbano para a prima Nair. Não, Nair só tinha filhos homens!

Trauma emocional, a tal ponto que um herpes-zóster [popularmente cobreiro] gravou como ferro quente o tórax do doutor. Doloridamente.

Meses e anos a estranha permaneceu na mente do Dr. Perí. Com a interrogação. A estranha. Quem seria?

... ..

1995... 1996... 1997... virada do milênio, 2000...

São Paulo, 2001.

SOBRENATURAL A MENSAGEM

Enigma desfeito pelo sonho. Nada assustador o que o acordou de súbito, conquanto o coração pulando no peito! Esclarecedor. Mensagem curta, clara, vivíssima! Assim...

— *Dr. Perí foi eu a visita daquela tarde que o senhor se assustô. Ia morrer de saudade se não olbasse outra vez pro senhor e quem sabe pra flor que o senhor inventou o nome que esqueci o nome da flor. E o Dr. Joli já casô? Diga pro Dr. Joli quero que ele seja muito feliz, mando um sópro pra ele.*

Dr. Peri, agora estou bem pense sempre em mim, reze pra mim. Se escrevê não tenho mais caicha postal agora só caicha mortal.

Com o sonho, a paz! Desfeito o enigma da estranha... Meditação, oração, conforme pedido de Meny Notta, dela própria.

Meu anjo, cometi o engano no nosso reencontro após anos. Rezar por você, minha querida?! Como? Para o doutor Perí, você, eternamente pura. Certamente também para DEUS. Cabe a você guardar por nós... os pecadores.

Dr. Perí juntou tudo, envelopou e remeteu para a destinatária curta mensagem.

Meny Notta

Caicha Celestial

Cód. Ender. Angelical ∞ ∞ ∞ ∞ ∞ - ∞ ∞

(para ser entregue p.e.o.)

do SENHOR TODO-PODEROSO PAPAÍ DO CÉU

Arary da Cruz Tiriba

Membro Emérito, ocupante da cadeira n. 81 (patrono Adolpho Lutz) e integrante da diretoria científica (2009-2010) da Academia de Medicina de São Paulo

O médico e o cigano

Nelson Jacintho

O cigano nunca ia ao médico. Nas suas andanças de um local para outro, na sua faina de armar e desarmar barracas, de negociar cavalos velhos a troco de cavalos mais novos, de vender ilusões por alguns reais, não tinha tempo de ir ao médico. Além de lhe faltar tempo, faltava-lhe a vontade de gastar alguns trocados na consulta e na compra do medicamento. Se não os conseguisse de graça, após uma boa conversa com o doutor, tentaria negociá-los na farmácia a troco de um *maraviloso* tacho de cobre ou alguma outra quinquilharia. Essa técnica era usada raramente, porque as suas pequenas dores de cabeça e de estômago, bem como suas diarreias passageiras, adquiridas nas águas salobras dos riachos perto dos quais montava sua barraca, eram curadas com chás de folhas de laranjeira, de losna, de funcho e de outras folhas mais, que sempre carregava em uma pequena mala de madeira, que recebia o nome de “pharmácia”, ainda escrita com “ph”, porque o bisavô o ensinara a escrever dessa maneira.

Certo dia, entretanto, a cólica no abdome não foi curada com nenhum medicamento da sua “pharmácia” nem com a reza da Vó Cigana, que fazia rezas infalíveis, principalmente quando ganhava alguns trocados por elas. Cortar o medo de andar das crianças que tinham o andar retardado, fazer descer a menstruação das meninas de doze anos que ainda não haviam menstruado, fazer gerar filhos nas recém-casadas que não engravidavam, tudo isso era com ela mesma.

Após tomar todos os remédios de sua “pharmácia” e ser submetido a todas as rezas da Vó Cigana, João, o cigano, resolveu procurar um médico na pequena cidade em que estava provisoriamente estacionado.

— Quanto custa a receita do doutor para dor de barriga?
— perguntou João à secretária do doutor Genibaldo.

— A consulta custa duzentos reais, disse a secretária gentilmente.

— Ele aceita em mercadoria ou quer dinheiro mesmo?

— Em dinheiro vivo, disse a secretária.

— Que bom!

— O senhor vai consultar o doutor Genibaldo?

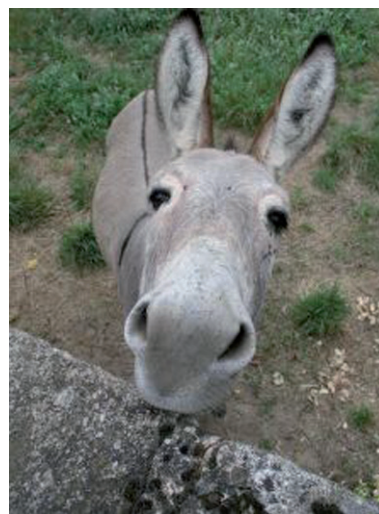
— Se ele aceitar dinheiro vivo, como a senhora me disse, vou consultá-lo imediatamente. Posso acertar depois da consulta?

— Bem, não costumamos fazer isso, mas, se for dinheiro vivo, acho que o doutor não vai se importar.

João cigano, apesar da dor, abriu o seu sorriso largo mostrando todo o ouro encravado na sua vasta dentadura.

A secretária, que ainda não havia visto uma boca tão recheada de ouro, ficou observando o cigano que sorria com todos os dentes.

— É ouro de vinte e quatro quilates, disse ele, vendo a admiração da secretária.



Disponível em: <<http://dineymonteiro.nireblog.com/post/2009/07/11/jumentolandia>>.

— Confesso que nunca havia visto algo assim.

— Coisas de ciganos, disse João, após palpar a barriga para tentar espantar a dor que o atormentava.

— O senhor pode sentar-se nessa cadeira, o doutor vai atendê-lo em alguns minutos.

— Acho que tenho uma ponta de bambu furando a minha barriga, mas eu não sou japonês..

— O bambu que os japoneses comem não tem ponta, disse a secretária sorrindo.

Nesse ínterim, doutor Genibaldo abriu a porta e pediu para a secretária mandar entrar o paciente.

— O senhor pode entrar na sala, disse a secretária ao cigano.

— Doutor, disse à sua secretária que acho que estou com um bambu espetado na barriga, mas também disse para ela que não sou japonês, não como bambu.

— Tudo bem. Quando começou a dor?

— Durante a madrugada..

— O senhor já teve cólica renal?

— Dor como essa nunca tive..

— Costuma beber bastante água?

— Nunca medi não, mas quando deito na beirada do riacho, bebo igual cavalo cansado..

— Deite-se nesta mesa.

Feito o exame, doutor Genibaldo concluiu que não poderia ser outra coisa a não ser a presença de um cálculo renal encravado na porção distal do ureter direito.

— O senhor está com uma pedra no canal do rim direito. Eu vou lhe fazer uma receita, mas o senhor terá de beber muita água, o dobro ou o triplo do que está acostumado a beber.

— Igual a dois ou três cavalos cansados?

— Isso mesmo..

João cigano pegou a receita, colocou-a no bolso da camisa xadrez e disse ao médico:

— Doutor, eu ainda não paguei a consulta, a sua secretária me disse que se fosse dinheiro vivo poderia ser paga depois. Acompanhe-me até a porta, que eu vou apresentar-lhe o dinheiro mais vivo que o senhor já viu.

Doutor Genibaldo não entendeu nada, mas, curioso, acompanhou o cigano até a porta.

— Olhe para ele, não é lindo? — disse João cigano apontando para um jumentinho que estava atrelado ao arreo da montaria que cavalgava.

— Bem, eu não entendo de jumentos, mas, de fato, é um lindo animal.

— Ele vale mil reais. Vou deixá-lo para o senhor por apenas quinhentos reais. Gostei muito do senhor, do seu atendimento e, sem o senhor pedir, estou deixando o jumentinho pela metade do preço.

— Não entendo de animais, não os compro, não tenho lugar para acomodá-los...

— Fique com ele por quatrocentos, o senhor me devolverá apenas duzentos...

— Já lhe disse, não saberei o que fazer com ele...

— Para o senhor, que me atendeu tão bem, vou deixá-lo por cem...

— Não posso ficar com ele, já lhe disse...

— Muito bem, vou lhe fazer um presente, o senhor não precisa me dar nenhum dinheiro, ficará por conta da consulta, o jumento é seu.

— Não posso ficar com ele, não tenho onde colocá-lo, não sei cuidar dele...

— Isso não será problema, eu arrumarei o lugar, arranjaré quem cuide dele e ensine o senhor a entender do ramo. Vou providenciar isso e voltarei em uma hora.

— Não, por favor, leve o animal, eu vou lhe fazer um presente: o senhor não precisa pagar a consulta, muito menos em dinheiro vivo.

— O jumento é seu. Palavra de cigano não volta atrás.

— Tudo bem, o jumento é meu, mas eu vou ter de dá-lo a alguém, o senhor não o aceita como presente? Será um grande favor levá-lo de minha porta!

— Bem, nesse caso, vou prestar esse favor ao amigo doutor.

Nelson Jacintho

Médico Escritor, Presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras

Melancolia

Guilherme Lozi Abdo

Sereno ao relento da fúlgida noite,
Escuro no encanto do dia premente,
Padeço na plácida agrura ardente,
Oriente minha alma ao legítimo açoite.

Consente a tristeza absorta visceral,
Respira o nada de regozijo restante,
Empedernido no seio da vida rastejante,
Inexorável evolução da vicissitude triunfal.

Perante o tormento do encanto maldito,
Assinalo o abalo do que nunca foi dito,
Diante do absorto cultivo que esmaga...

E revelo a ausência do sentido derradeiro,
Queimo na chama de cinzas e cinzeiros,
Na última pitada da vida em que se vaga.



Melancholie I, de Albrecht Dürer, 1514

Disponível em: <<http://de.academic.ru/dic.nsf/deviki/941714>>

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira e Arary da Cruz Tiriba

Cinematca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.